Aveiro, 18 de Outubro de 1969 * Ano XVI * N.º 780

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Compos. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

— Então, Zé, que sentes tu?
— Tonturas, sr. Doutor. Não estou habituado a este clima...

PARA A CONCRETIZAÇÃO DUM ANSEIO

ARQUIVO DISTRITAL

Em 2 do mês findo, o Presidente do Município levou à Comissão Municipal de Cultura uma sugestão do Inspector-Superior das Bibliotecas e Arquivos Nacionais — que visitara a Biblioteca Municipal de Aires Barbosa naquele mesmo dia — sobre a possibilidade de se instalar o Arquivo Distrital em dependências daquela Biblioteca. Em 22 de Maio do ano próximo completam-se cinco anos sobre a data da criação do referido Arquivo; não obstante, ele continua em Coimbra, por dificuldades da sua instalação em Aveiro. Surgiu agora a oportunidade duma solução satisfatória. E a Comissão Municipal de Cultura, unânimemente reconhecendo a urgência da transferência, logo elaborou um relatório e parecer, que foi aprovado pela Edilidade na sua reunião da pretérita segunda-feira. Cremos saber que a Junta Distrital está empenhada no problema, nas directrizes do aludido relatório, que, pela sua inegável importância, a seguir damos à estampa.

Na sua visita, em dois de Setembro transacto, à Biblioteca Municipal de Aires Barbosa, o distinto Inspector-Superior das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Dr. Luís Silveira, sugeriu a possibilidade do aproveitamento da dependência daquela Biblioteca para instalação, a título de depósito, das espécies do Arquivo Distrital de Aveiro — facto de que o ilustre Presidente do Município, seu invitante, deu conta na sessão da Comissão Municipal de Cultura, realizada naquele mesmo dia.

Em cumprimento do proposto e deliberado nessa mesma reunião sobre o tema em causa, a Comissão Municipal de Cultura,

PONDERANDO:

a) — que o *Arquivo Distrital de Aveiro*, criado, de harmonia com legislação anterior, mas vigente, pelo artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, se encontra ainda em Coimbra, decorrido vai para um lustro depois da respectiva criação;

b) — que as dificuldades da sua transferência para Aveiro têm resutado, essencialmente, da inexistência nesta cidade de instalações adequadas para guarda segura e racional arquivamento do vasto espólio documental que constitui o aludido Arquivo;

c) — que a transferência para a velha Casa do Despacho da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, em que a Junta Distrital pensou, e por cujo arrendamento chegou a diligenciar, seria manifestamente desaconselhável, e isto porque,

d) — não obstante a excelência da localização, a dita dependência da Misericórdia é de construção altamente vulnerável a incêndios e in-

Continua na página três

GAFANHA É VILA

Num só artigo, precedido de substanciosos e justos considerandos, a Gafanha da Nazaré foi elevada à categoria de Vila, por determinação do Conselho de Ministros realizado na pretérita terça-feira. Legítima aspiração do populoso núcleo, habitado por gente realizadora que lhe tem imprimido notabilíssimo progresso, o dignificante diploma certamente

Continua na página quatro

AVEIRO VAI TER UM TEATRO-DE-BOLSO

JÚLIO HENRIQUES

1 — DA NECESSIDADE DO TEATRO

Não é já desconhecido para muita gente, felizmente, que o teatro desempenha (no nosso caso terá de vir a desempenhar) uma função civilizadora no seio da sociedade em que se integra, e da qual, e para a qual, vive.

Ele deve ser o encontro dos cidadãos para a comum discussão do seu tempo e espaço, deve reuni-los para lhes mostrar como estão separados, tem a obrigação de fazer crescer em cada um a responsabilidade e a coragem que os faça decidir, por seus próprios meios, o destino em que se jogam, se empenham e se definem.

Encontro, pois, da cidade, o teatro não pode nunca viver à margem dos problemas e dos conflitos que contemporâneamente o agitam, ao agitarem o povo que o justifica e anima.

E nosso dever, por isso, pedir ao teatro que nos fale, concretamente, das nossas vidas, que nos ofereça algo muito diferente do escape alienante a que temos sido habituados. E a linguagem que lhe exigirmos será a definição de nós mesmos: partidários do bem ou do mal, do justo ou do injusto. Porque — esclareçamo-nos — não há posições intermédias, neutrais.

Negar o teatro vivo — ou a sua possibilidade — é negar o debate duma contemporaneidade, permitindo (e encorajando), em seu lugar, a repetição dum longo monó-

Continua na página três

Ao n.º 14 da rua das Tomásias, em Aveiro, numa ex-garagem, um pequeno grupo de pessoas, que dá pelo nome de CETA, trabalha desde há meses na construção dum teatro-estúdio, onde virão a ser apresentados, periòdicamente, espectáculos teatrais. Aveiro será assim a terceira cidade do país a possuir uma casa de espectáculos deste tipo experimental. Pela importância do empreendimento se justificam as notas que se seguem.

GLOSAS MARGINAIS

DR. FREDERICO DE MOURA

De vez em quando, o correio traz-nos notícias de amigos dispersos que se fazem lembrar com a oferta de um livro, de um opúsculo ou de um catálogo que, ao mesmo tempo, testemunham as suas inclinações pelas Letras e pelas Artes e têm sempre um pouco de papel disponível para os autores escreverem duas palavras de lembrança e de generosidade.

Sucede, porém, que eu, epistológrafo rebelde, vou adiando o imperativo dever de agradecer e corresponder às gentilezas, criando, por vezes, situações a que só com grande ginástica dialéctica poderia dar solução sem resvalar numa aparência sofística que, realmente, não passa de aparência pois que o meu contrito arrependimento é verídico e sincero. Desta vez é por intermédio destas glosas marginais, destinadas à letra de forma, que vou tentar sanar os efeitos de um atraso que, de maneira nenhuma, pode significar menos interesse, pois só eu sei quanto sou sensível à lembrança dos amigos e o quanto me desvanecem os seus triunfos na literatura e na arte.

Sano, assim, os meus pecadilhos, testemunhando a minha admiração e o meu agradecimento àqueles amigos que se lembraram de mim servindo-se do correio, perante os dois ou três leitores que frequentam esta secção com pinceladas esquálidas sobre as visitas impressas que até mim chegaram por amabilidade dos seus autores que nanja pelos méritos do destinatário.

A Senhora Doutora D. Andrée Crabbé Rocha que começou a sua carreira de lusófila com uma tese de Licenciatura sobre Fialho de Almeida apresentada à Universidade de Bruxelas, veio a acreditar-se, definitivamente, (já então portuguesa pelo seu casamento com o Poeta Miguel Torga) com a sua dissertação de doutoramento sobre o Teatro do Garrett, defendida na Universidade de Lisboa onde viria a exercer funções docentes.

Daí para cá a sua actividade em prol da cultura portuguesa tem sido de monta, quer com excelentes estudos sobre temas literários, quer através de uma escrupulosa obra de tradutora para francês

Continua na página cinco

SAL

Foi parca de sal a última safra: chuvas prematuras e insistentes não permitiram, ou anularam, a normal rentabilidade dos esforços dos marnotos — só raros conseguiram receita líquida superior a 15 contos. No louvável intuito de acudir à clamorosa situação dos que nem sequer alcançaram aquela modesta cifra, o Governador Civil de Aveiro empenhou-se junto do Secretário de Estado do Comércio; e então foi determinado — já que, no momento, não seria aconselhável agravar-se o preço do produto

Continua na página quatro

CARA DA MASSA

MÁRIO DA ROCHA

Pediram-me há pouco a minha opinião sobre um facto. Recusei-me a dizer uma palavra sobre ele! Pois se eu não tinha fontes para o conhecer em todas as suas circunstâncias! E mesmo se as tivesse, nada diria, pois nada interessa conhecer um facto se não lhe conhecermos a sua complexidade causal! *Um caso não vale pelo que foi, mas pelo que representa!*

Que grande lição não temos nós a aprender com nossos melhores historiadores de quinhentos!

A BOLA

A bola não é de hoje. Tem milénios. Mas de hoje é o fenómeno bola. A explosão desportiva é uma concomitância, pelo menos, da revolução industrial.

Tornado fenómeno de multidões, o Desporto ganha na massa dos homens um so-

Continua na página dois

Cara da Massa

Continuação da primeira página

cial significado humano. Ignorá-lo é ignorar a vida do Povo, das gentes no Mundo! Mais do que a repercussão que o Desporto tem, dá-se-lhe um signiifcado que até o desfigura por vezes.

E se alguém duvida, veja como as próprias Olimpíadas perderam seu espírito olímpico! O Helenismo perdeu-se. E a Grécia continua a ser um «milagre» na História do Homem!

Pierre Coubertin não é hoje mais do que um poeta lunático, iluminura de vitral no painel da história mundial do desporto.

E se alguém duvida, veja, — veja e leia, mas leia o facto na sua complexidade, tarefa esta que, a diversos títulos, respeitosamente deixamos ao leitor.

Comecemos! Vinha nos jornais! Após 20 anos de serviço, em prol do Desporto e até da Selecção Nacional, Américo, ao despedir-se, recebeu da Federação 500 mil réis e... uma carta!

Os gloriosos óquistas portugueses, vindos de Vigo, jovens campeões, só tiveram bilhete até ao Porto. Para Lisboa, o avião nem foi estímulo nem prémio.

O êxito-droga!

Eu não discordo de que a maior desgraça do Desporto nacional foi ter sucedido que ficássemos terceiros em Wembley.

Campeões do Mundo em terceiro lugar!

Drogámo-nos com o êxito. E o *doping* custa caro. A Roménia esfolou-nos os últimos festões. Pagámos, assim, os juros dum lugar alcançado mas não merecido.

Drogámo-nos, já o disse a nossa Imprensa mais séria. E aí está: até acabou em *droga*, naquilo que é, o melhor que o nosso Desporto agora tem.

Somos como o velho Saturno — a devorar os filhos que crescem.

Se não fosse, ontem, S. Paulo, o *Tour*, ou amanhã o *Giro*, Agostinho seria sempre entre nós um cavador de Brejenjas. Tal como Eça, se não fosse cônsul, haveria de ser para sempre «um pobre homem da Póvoa de Varzim»...

Bem me quer parecer, também a mim, que nem Portugal teria sido Portugal, se não tivesse havido uma Índia!

Compreendo agora o grito: «Não há por aí mais caminhos marítimos?»

Mas eu não compreendo e cismo: «Pobre do Vasco, que chegou a Gama por chegar à Índia»!...

O Desporto português precisa de afirmar-se. Melhor, que o mesmo é: precisa de ser. Não podemos mais continuar a ter Desporto e desportistas não!

Só os ignorantes se devem ter espantado que o Ajax tenha chegado onde chegou. Não me admirou nada que visse há dias Jekov a substituir Eusébio e Ajax a tomar o lugar dum Benfica.

É que na Bulgária o jogador é tratado como um profissional, com estruturas que o profissionalismo exige e sem as quais ele não se suporta.

E na Holanda há Desporto porque há desportistas. Quatro tantos mais do que nós!

Ai de nós, pois, se Eusébio fizesse o que podia ter feito, segundo ainda agora o disse Gunnar Hansen: «Eusébio é um fabuloso, fantástico jogador. Vale milhões. O seu drible é estonteante, a sua arrancada demolidora. O seu remate, diabólico /.../. Ele poderia ter resolvido o desafio contra a Inglaterra. Portugal seria, talvez, campeão do Mundo».

Com Eusébio tudo é possível! Ora eis! Com ele, até é possível perder. Otto não se cansa de o repetir. Porque Eusébio não é uma equipa; é um jogador. Desporto? Só com desportistas.

O primeiro jogador-cidadão

Não discutimos a verba. Embora reconheçamos que ela possa ser discutível, entre nós. Mas registamos os factos! O leitor que...leia!

E Eusébio já ganhou, *por si*, dois jogos para o Benfica. E, *com ele*, o Benfica já ganhou quatro jogos com o score de 11-0.

Sem Eusébio, não seria o Benfica, desde já, um concorrente marginal no Campeonato dos Campeões e no Campeonato Português?

Mas para além de jogador, Eusébio da Silva Ferreira afirmou-se cidadão. Pelo que mais e maior ficará na História Nacional do Desporto Português.

Eusébio não assinou sem lhe garantirem que sempre poderia dizer que jogava mal, porque jogava doente... O público só queria o Benfica, se visse o Eusébio!...

A autorização de entrevistas foi para ele um direito humano, de que não abdicou.

E um Clube até deve ver que entrevista é publicidade. E publicidade hoje é comércio, é dinheiro, é fama — é tudo. Pois sem ela nada! Eusébio defendeu-se, assim, de ser acusado sem ser ouvido. Proibiu que fizessem dele um réu condenado de lábios selados.

Eusébio assinou!

E foi o primeiro a assinar não na sede dum clube, mas na secretária dum advogado. Os treinadores têm sindicato; os jogadores, vá lá, já têm estatuto, feito paternalmente só pelos dirigentes!...

Ora treinadores, postos à frente dos jogadores, são um para onze, ou um para vinte e dois ou trinta e três!

Uma das cláusulas do contrato estabelece que qualquer punição eventualmente aplicada pelo clube ao jogador deverá limitar-se às leis normais do trabalho e não à letra do Regulamento das Relações entre os Clubes e os Jogadores de Futebol!

O presidente da direcção do Benfica deu os parabéns ao Clube e ao jogador. E este disse ter vivido «um dos dias mais felizes da sua vida». E sua esposa viu nesta jogada de Eusébio, recorrer a um advogado..., o melhor golo do nosso «bota de ouro».

Mas de parabéns estamos nós: já se pode ter um filho futebolista que ele irá ser tratado como trabalhador!

MÁRIO DA ROCHA

Serviços Municipalizados de Aveiro

AVISO

Lista dos candidatos ao concurso para o preenchimento de uma vaga de cobrador do quadro de pessoal menor destes Serviços Municipalizados:

António Dantas Soares da Cunha
António da Naia Sardo
João Lucena Bernardo

As provas práticas realizam-se pelas 14 horas, do dia 22 de Outubro corrente, devendo os candidatos apresentar-se na sede destes Serviços Municipalizados munidos do bilhete de identidade, caneta ou esferográfica, lápis e borracha.

Aveiro 13 de Outubro de 1969

O Presidente do Conselho de Administração
Dr. Artur Alves Moreira

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

AVISO

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de habilitação por 20 dias, com início em 18 de Outubro de 1969, para médicos da especialidade de Oftalmologia do posto Clínico n.º 50 (Aveiro), devendo a documentação ser entregue na Zona Centro — Rua Antero Quental, 180-184 Coimbra, ou na sede-Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-E. Lisboa, até às 18 horas do dia 6 de Novembro do mesmo ano.

As condições de admissão encontram-se patentes na Zona Centro, Sede e Posto referenciado.

Lisboa, 9 de Outubro de 1969

A Direcção

Aveiro vai ter um Teatro-de-Bolso

Continuação da primeira página

logo reaccionário dirigido, que não serve, de modo nenhum, o povo, antes o ludibria.

Há, posto isto, que partir dum princípio fundamental: a arte não é um luxo, deve ser, pelo contrário, um serviço, um trabalho. E o teatro terá que ser o encontro onde o povo se reúne para assistir, em participação, à luta entre a justiça e a injustiça. Neste binómio dialéctico se esclarecerá, encaminhando-se depois — apreendida a realidade da ficção instalada sobre a cena — para a decisão justa do seu destino, escolhendo, em resumo, as vias necessárias para a implantação da justiça na sociedade em que se move — cuja injustiça não pode (sendo homem) aceitar.

2 — UMA REALIDADE DURA

Citando Garrett, «O Teatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde a não há. Não têm procura os seus produtos enquanto o gosto não forma os hábitos, e com eles a necessidade.»

Isto quererá dizer (entre outras coisas), no caso português, que se torna necessária a criação dum «teatro popular de vanguarda». (Acerca do termo vanguarda, tão falsificado pela cultura burguesa, achamos oportuno transcrever esta «definição» de Jean-Marie Boeglin: «No estado que transforma a sociedade para um futuro onde será enfim feito do homem um uso digno do homem, o teatro é de vanguarda no sentido em que é reflexo e promotor, guarda e combatente da marcha para esse futuro. (...) No regime capitalista, onde a cultura é pràticamente marginal na vida do povo, onde as excepções não são mais que o alibi do sistema, pois quem diz privilegiado da cultura diz privilegiado do dinheiro, o teatro não pode senão fechar-se numa revolta interior, no sonho, no absurdo, no irrisório, ou estagnar com graça e talento nas interpretações psicológicas duma produção submetida. E os autores de vanguarda não são mais que os cronistas burocratizados duma pequena burguesia decadente. (...) Vanguarda que não é, no fundo, senão a rectaguarda da História). [1]

Sabe-se, porém, que os movimentos para a consecução desse «teatro popular» em Portugal, não têm podido ser, infelizmente, mais que episódicos. A este respeito são elucidativas as palavras do Dr. Deniz-Jacinto, no seu estudo O Teatro como meio de Cultura e Educação: «Devido à congregação de grupos de entusiastas já tem sido possível, bem o sabemos, embora de forma precária e fragmentada, a constituição de grupos como o foram, em Lisboa, o Teatro-Estúdio do Salitre, Os companheiros do Pátio das Comédias, o Grupo Dramático Lisbonense, entre outros (já extintos há anos e que pouco duraram), e os actuais Círculo de Teatro de Aveiro, que não sei como vive, e o Tea-Experimental do Porto, que entrará na agonia se não se lhe acode.

A falta de um público novo e numeroso, capaz de apoiar semelhantes iniciativas, está na base da perda destas realizações. E preciso criar esse público — e o remédio é fazê-lo a partir das camadas populares, que desconhecem o Teatro ou o conhecem mal.

E vale a pena citar ainda, a este propósito, Luís Francisco Rebelo:

«Um dos erros maiores, e de mais funestas consequências, da nossa orgânica teatral, tem sido o abandono metódico a que a Província é votada. Há cidades do país onde, se não fosse a abnegada obstinação de algum agrupamento de amadores, anos inteiros se passariam sem que os seus habitantes pudessem assistir a uma só representação teatral!» [2].

Cremos, contudo, que será idealista esperar que a orgânica teatral portuguesa — dependente de muitíssimas coisas — venha, num futuro próximo, nas actuais estruturas, a realizar um programa como o proposto pelo Dr. Luís Francisco Rebelo, no seu estudo citado. E por isso necessário que grupos como o CETA se profissionalizem, provocando a descentralização da actividade teatral. Sem isso é continuar à espera — de tudo e de nada.

Tomando entre mãos o caso de Aveiro (que embora não seja típico, é o que nos importa agora focar), contestamos que desde há muito anos existe no seu meio uma chamada tradição teatral — não esclarecida, bem entendido, pois o teatro em que essa tradição assenta, feito de comédias inofensivas é de índole reaccionária. Mas —passando isso à frente, pois tal atitude, repetimo-lo, não diz respeito apenas a esta cidade — o que é importante verificar-se é que em Aveiro parece haver, potencialmente, um desejo contínuo de teatro, uma certa inclinação teatral.

Essa inclinação e esse desejo, a existirem (como nós o julgamos), poderão em breve dirigir-se para o esclarecimento que naturalmente lhes falta, pois Aveiro vai ter — como talvez se não saiba — um teatro-de-bolso.

3 — QUE PODE SER UM TEATRO-DE-BOLSO ?

Os movimentos de grupos teatrais autónomos, em países de economia capitalista, encontraram sempre, como se sabe, dificuldades que assentavam (e assentam), resumidamente, no seguinte:

a) despreparação natural das classes trabalhadoras (a maioria da população), viciadas por anos e anos de desculturalização;

b) imposição, pelo sistema da oferta e da procura, e como consequência do expresso atrás, de terem apenas como público uma pequena minoria de letrados — intelectuais, estudantes, e poucos outros —, o que os obriga a debaterem-se com quase sempre irresolúveis problemas de ordem económica (isto tudo se querem manter uma linha de conduta progressista, como se subentende).

Em países subdesenvolvidos, como é lógico, a situação apresenta-se ainda mais problemática, pois o número de pessoas em princípio interessadas em assitir a espectáculos progressistas (de teatro, como de cinema), é muito reduzido. E a razão é óbvia: a maior porte do povo tem problemas de ordem primária a resolver diàriamente: alimentação, alojamento, trabalho — os quais lhe ocupam quase todo o tempo.

Procurar, pois, exercer um trabalho progressista num clima destes é sempre, em princípio, uma tarefa árdua e uma dádiva de coragem.

Julgamos ser o que está a acontecer em Aveiro. O CETA, após 10 anos de dificuldades (continuadas, todavia, com a perseverança e a certeza de quem sabe estar no caminho justo), prepara-se para encetar uma nova etapa do seu trabalho. Com um subsídio da Câmara Municipal e do Governo Civil de Aveiro (o solicitado, desde há anos, à Fundação Gulbenkian, não foi ainda deferido), está a construir um pequeno edifício, um teatro experimental com capacidade para cerca de 80 pessoas — o que, embora não pareça, é uma boa lotação, pois estúdios semelhantes, em Lisboa, Paris ou Londres, por exemplo, não ultrapassa os 60/70 lugares, em média, onde a Direcção do grupo espera poder vir a apresentar espectáculos semanais para sócios que pagarão uma pequena quotização mensal.

Foi tendo conhecimento deste trabalho, cuja importância talvez se não adivinhe ainda, mas cujos resultados o futuro não deixará, por certo, de mostrar, que entendemos haver necessidade de que Aveiro compreenda e se junte a esta obra que quer, e tem de ser, colectiva. Quanto mais não seja porque é dever da sua população — para já a mais esclarecida — associar-se-lhe, pois os subsídios atrás citados não serão suficientes para o total acabamento (e funcionamento) do teatro-de-bolso.

Gostaríamos, entretanto, que não se tomassem estas notas como um puro elogio demagógico, feito por quem já fez parte do grupo. Não se trata aqui de afectividades. Na realidade estamos mesmo em desacordo — declarado — com a orientação, de tipo não profissional, que o CETA continuará a ter, mesmo na nova fase.

Defendemos que para uma acção real de teatro, tanto interior (formação de actores, de encenadores, de técnicos) como exterior (manutenção de espectáculos em Aveiro, tournées pelas aldeias e vilas do distrito) o trabalho de tipo amador não serve. Cremos ser preciso acabar com os episodismos de boas vontades, que a muito pouco conduzem — embora não se possam negar, de maneira nenhuma, os esforços desenvolvidos, que de resto têm sido muitos, para a existência do teatro moderno em Aveiro. Mas a opção é esta: ou se escolhe a via profisional e se contribui, efectivamente, para uma ajuda cultural popular; ou se mantêm os esquemas não profissionais, num trabalho obrigatòriamente episódico, e os esforços se continuam a perder, por não terem a necessária continuidade.

Note-se, de resto, que isto não são apenas as ideias dum ex-colaborador do Círculo. Já num artigo de há meses, publicado numa das pouquíssimas secções verdadeiras da revista Plateia («Teatro por amor»), Soeiro Camilo se referia, em termos que reputamos justos e esclarecedores, à futura possível actividade do CETA.

«Como Aveiro, há diversas capitais de distrito que poderiam constituir autênticos focos de irradiação do teatro pelas diversas povoações, não só vizinhas como distantes, onde a poeira do palco não caiu sobre os espectadores. (...) Difícil será a um grupo exclusivamente amador cumprir com uma missão tão vasta e importante como a que propomos. Porém, isso já estará ao alcance de um conjunto senão profissional pelos menos com responsabilidades próximas. (...) Cremos que a ser possível ao CETA enveredar pela via semi-profissional, talvez o exemplo que os seus resultados fatalmente demonstrariam de positivo abalançasse outros grupos e outras autoridades a tomar para eles semelhante empresa.

A solução que o CETA procura (abre-se este parêntesis para referir que esta solução já foi proposta e discutida no Ceta a nível extra-oficial) pode ser o caminho mais directo e viável para se iniciar a realização de uma grande campanha : a «teatralização» do povo português».

4 — ENTRETANTO

Enquanto, porém, tal não acontece (?), há contudo um facto importante que todos os aveirenses vivos precisam não esquecer: em Aveiro está a construir-se um teatro.

Sabe-se que as coisas deste género passam quase sempre despercebidas (íamos a escrever que na Província isso é quase «natural»). Já em Lisboa o mesmo não sucede (ou não está agora a suceder), pois o recentemente formado «Primeiro Acto — Clube de Teatro» tem tido o apoio constante — e indispensável — da Imprensa, o que lhe permite apostar-se já num trabalho tanto quanto possível despido de aventureirismos organizados.

Aqui corre-se sempre o mesmo risco: o expresso naquele ditado (forçosamente velho) que diz que santos ao pé da porta não fazem milagres. E um defeito, uma deformação, pensar-se ainda assim — mas, apesar de tudo, Aveiro não é, não pode ser (apostamo-lo!) uma cidade indiferente àquilo que de positivo se procura fazer no seu meio: o CETA está agora a construir — depois de 10 anos de espera! — um teatro-estúdio. E preciso que as pessoas creiam, não só no trabalho duma equipa que vem dispendendo esforços dignos do nosso encorajamento, como ainda na realidade que se aproxima com esse trabalho: teatro para todos (e não apenas para as classes para quem habitualmente o teatro em Portugal é feito), incluindo-se neste todas as crianças — sempre tão afastadas duma promoção cultural digna da sua condição de seres que se preparam para a grande e inesperada aventura da vida.

E, por outro lado, o teatro-de-bolso do CETA poderá ser ainda o veículo integrador duma actividade cultural que Aveiro há muito não conhece.

O futuro o dirá, sem dúvida, mas para já é preciso acreditar, salutarmente, no presente — instigando-o, encorajando-o com firmeza, para que algo se transforme e evolua pelas nossas próprias mãos, e não só e sempre pelos conselhos dos «deuses» que nos guiam.

«Tudo vai de saber guardar a confiança. De não esmorecer.»

(1) — Revendication nationale», in PARTISAN 36.

(2) — «Situação do teatro em Portugal».

Londres, Setembro de 1969

JÚLIO HENRIQUES

Arquivo Distrital

Continuação da primeira página

tempéries, sobrepõe-se directamente a um estabelecimento comercial instalado no rés-do-chão, é exígua de dimensões e sempre seria disfuncional para o fim pretendido quaisquer que fossem as obras de adaptação que se intentassem, acrescendo que

e) — a referida Casa do Despacho se integra num conjunto arquitectónico seiscentista de alta raridade e valia, em vias de completa reintegração histórica e estética, em que seria condenável a repetição de desvios da sua específica afectação inicial e deploráveis quaisquer desvirtuantes adaptações;

f) — que as actuais instalações da Biblioteca Municipal, cujas espécies foram há pouco transferidas precisamente da velha Casa do Despacho — onde as mencionadas deficiências e perigos claramente se patenteavam — para novas e apropriadas dependências de edifício camarário recém-construído;

g) — que as ditas instalações facultam a recolha segura e possibilitam a arrumação técnica, não só das espécies bibliográficas existentes e das que venham a adquirir-se em anos próximos, mas também de todo o arquivo camarário, deixando ainda, ao que pode prever-se, espaço bastante para a guarda da documentária distrital;

h) — que o edifício novo se encontra situado no centro cívico urbano, que, por enquanto, é ainda também, muito aproximadamente, o centro geográfico citadino;

i) — que é de inquestionável conveniência, sempre que possível, a geminação, ou a vizinhança, de arquivos documentais com núcleos bibliográficos, quando, entre aqueles e estes, haja correlação, ou possa haver interdependência informativa, princípio que, aliás, parece dominar a teorética do citado Decreto-Lei n.º 46 350;

j) — que, por óbvias razões de material utilidade e de cultura, é da maior ingência e urgência transferir o Arquivo, de Coimbra, para Aveiro;

k) — que não se vislumbra a imediata, ou sequer próxima, concretização de tal desiderato pela exclusiva diligência da Junta Distrital, a quem tal diligência compete, dadas as dificuldades da rápida consecução de dependências capazes, sendo consabidamente demorada a construção de edifício próprio, mesmo que a dita Junta pudesse e quisesse fazê-la;

l) — que, muito embora o citado Decreto-Lei n.º 46 350 expressamente não contemple a eventualidade da utilização de dependências duma biblioteca camarária para arquivologia distrital, parece que só o não fez por não ter ocorrido tal hipótese ao legislador, sendo certo que essa possibilidade e utilidade estão ínsitas no espírito daquele diploma;

m) — que, pelas razões aqui já apontadas na alínea j), não pode, nem deve, ser indiferente à Vereação Municipal de Aveiro, no interesse dos seus munícipes e dos povos do Distrito, de que a cidade é cabeça, a localização aqui do Arquivo Distrital;

n) — que a Comissão Municipal de Cultura dificilmente pode preencher ou incentivar os seus específicos fins de informação cultural sem a presença e a fácil consulta de indispensáveis documentos —

— *pelos motivos expostos, e demais que deles se inferem,*

É DE PARECER:

QUE, ESTUDADO O ASSUNTO PELA DIGNA VEREAÇÃO, SEJA PROPOSTA À ILUSTRE PRESIDÊNCIA DA JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO A CEDÊNCIA DAS DISPONÍVEIS DEPENDÊNCIAS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL PARA DEPÓSITO DO ARQUIVO DISTRITAL, SEM PREJUÍZO DOS INTERESSES ESPECIFICAMENTE CAMARÁRIOS, PELO TEMPO E NA FORMA QUE RECÌPROCAMENTE SE CONVENCIONAREM.

Aveiro, 7 de Outubro de 1969

União Nacional

● SESSÃO FEMININA DE PROPAGANDA

O Teatro Aveirense encheu-se, na noite de anteontem, de mulheres do Distrito, que foram ali participar numa sessão de propaganda eleitoral dos candidatos da U. N.

Presidiu a jornalista D. Carolina Homem Christo, vendo-se também no palco distintas senhoras, esposas de destacadas personalidades políticas distritais, e as oradoras da noite; e, ainda, os candidatos a deputados propostos pela União Nacional.

Os homens seguiram a sessão — que decorreu em elevado nível de civismo — no átrio da vasta casa de espectáculos, através de um circuito-fechado de TV, e, também, no segundo balcão.

Depois de referidos os nomes das senhoras presentes no palco, cantou-se o Hino Nacional.

A série de discursos foi iniciada pela Dr.ª Dulce Alves Souto, seguindo-se-lhe no uso da palavra: a Dr.ª Maria Ondina Leal Gomes Leite Gamelas, a Dr.ª Maria Natércia Bentes Grade Duarte Rodrigues, D. Maria da Conceição Freitas Gomes e a goesa D. Genoveva Filomena Soares de Melo.

As oradoras abordaram importantes problemas, de especial acuidade no momento de propaganda eleitoral que decorre, particularmente sobre ensino, trabalho de mulheres e Ultramar português, dando razões da sua opção política, que apontaram ao eleitorado feminino como o mais desejável e patriótico rumo.

D. Carolina Homem Christo proferiu breves mas expressivas palavras, sendo de novo cantado o Hino Nacional.

● SESSÃO DE ESCLARECIMENTO AO ELEITORADO

Na próxima quarta-feira, 22, pelas 21.15 horas, realiza-se, no Cine-Teatro Avenida, uma sessão de esclarecimento ao eleitorado, presidida pelo Ministro da Saúde e Assistência, também candidato pela lista da U. N., Dr. Lopo de Carvalho Cancela de Abreu.

Usarão da palavra, além de outros, o presidente da mesa, os candidatos Drs. Homem de Melo, Veiga de Macedo e Manuel Soares; e, ainda, Carlos Manuel Gamelas.

CARLOS PEREIRA DE ANDRADE

Justíssimamente promovido a Director de Finanças, o sr. Carlos Pereira de Andrade vai agora exercer aquelas funções — de que já tomou posse — no Distrito de Angra do Heroísmo.

Desde Outubro de 1949, o sr. Pereira de Andrade trabalhou em Aveiro, tendo-se revelado funcionário zeloso e competente, particularmente como Técnico Verificador de 1.ª Classe, nos Serviços de Prevenção e Fiscalização Tributária, na Direcção de Finanças.

A sua longa permanência nesta cidade, onde conquistou justificadas amizades e simpatias, enraizou-lhe profunda devotação pela nossa terra, de que leva, segundo nos declarou, a melhor lembrança e uma imperecível saudade.

Ao novo Director de Finanças deseja o *Litoral* as maiores felicidades no elevado posto a que foi chamado.

NÃO O ESQUECEMOS

Anteontem, 16, completaram-se seis anos sobre a data do falecimento do Dr. António Christo — um dos mais assíduos e devotados colaboradores do *Litoral*.

Este singelo registo apenas intenta proclamar que ele continua vivo na saudade e na gratidão de quantos trabalham neste jornal.

O CHEFE DO DISTRITO FALARÁ AOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

Na próxima segunda-feira, 20, o Governador Civil de Aveiro falará aos órgãos de informação sobre problemas do Distrito relacionados com o seu desenvolvimento.

Dr. Frederico de Moura NOVO DIRECTOR DO MUSEU DE ÍLHAVO

Vai assumir as funções de Director do Museu Municipal de Etnografia Marítima, de Ílhavo, o nosso distinto colaborador Dr. Frederico de Moura.

Foi acertadíssima a escolha — e a Câmara Municipal da importante vila vizinha é credora de louvor pela deliberação que recentemente tomou.

O Dr. Frederico de Moura sucede, no cargo, ao saudoso Dr. Rocha Madahil, organizador da importante instituição museológica, que tão proficientemente dirigiu.

Muito há a esperar da vasta cultura, da apurada sensibilidade e do dinamismo do novo Director do Museu de Ílhavo.

O CETA NO CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

Hoje à noite, no Teatro da Trindade, em Lisboa, o CETA apresenta mais um espectáculo com a sua última peça o INSPECTOR GERAL, de Gogol, desta vez como finalista do *Concurso Nacional de Arte Dramática* da SEIT.

FESTA DOS SANTOS MÁRTIRES

No Bairro do Alboi, realiza-se hoje, amanhã e segunda-feira a festa anual em honra dos Santos Mártires.

Amanhã, domingo, é o dia principal das celebrações, com missa solene, pelas 12.15 horas, e arraiais, à tarde e à noite, com a participação da Banda Amizade e da Banda dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Frades.

Na segunda-feira, haverá a «missa dos mordomos», entrega dos ramos e as tradicionais cavalhadas, com festejos também de tarde e à noite, finalizando com uma sessão de fogo de artifício.

NOVO AUXILIAR DA PARÓQUIA DA GLÓRIA

Foi indicado para prestar serviço como auxiliar da Paróquia da Glória o Diácono Rev.º João Gonçalves, da Gafanha do Carmo.

BANCO BORGES & IRMÃO

A Agência de Aveiro do Banco Borges & Irmão, de que é gerente o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Carlos Vicente Ferreira, completa um ano de existência na próxima sexta-feira, 24 do corrente.

Assinalando a data, os funcionários vão reunir-se, nesse dia, numa festa de confraternização.

Podemos noticiar ainda que, em breve, se iniciam os trabalhos de construção das instalações definitivas do Banco Borges & Irmão, no antigo «Café Arcada».

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

Dando seguimento ao seu programa de expansão e atendendo aos indicadores económicos da nossa região, o Banco de Fomento Nacional vai criar uma Subdelegação em Aveiro, tendo já em curso estudos para solucionar problemas alusivos às respectivas instalações.

NOVO COMISSÁRIO DA P. S. P.

Acaba de ser nomeado para o exercício das suas funções no Comando da P. S. P. desta cidade o sr. Comissário Augusto Ferraz, que tem vindo a prestar serviço na Escola de Alistados, nas Caldas da Rainha.

Fica preenchida, assim, a vaga que ocorreu com a saída do sr. Comissário Isaías Augusto Coelho que, como oportunamente aqui noticiámos, se encontra a comandar a Secção da P. S. P. da Covilhã.

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

Amanhã, terceiro domingo de Outubro, a Igreja celebra o «Dia Mundial das Missões» — em que lembra a necessidade de sèriamente se reflectir sobre o dever missionário de todo o cristão e sobre os problemas da Igreja Universal.

DR. NUNO CAMPOS TAVARES

Seguiu para os Estados Unidos, integrado na Delegação de Portugal à Assembleia da N. A. T. O., que se realiza em Washington de 18 a 24 do corrente, o sr. Dr. Nuno Campos Tavares, ilustre Subdelegado em Aveiro do I. N. T. P.

O sr. Dr. Nuno Campos Tavares participou, anteriormente, no Congresso de Jovens Dirigentes Políticos organizado pela N. A. T. O. na Holanda (1966) e na Bélgica (1967).

MOSTRA DE DIVULGAÇÃO FILATÉLICA

Amanhã, pelas 15 horas, o Chefe do Distrito presidirá à inauguração de uma «Mostra de Divulgação Filatélica», promovida pela Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos e patente ao público no salão dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Aveiro.

SUBSÍDIO PARA O BEIRA-MAR

Por interferência directa do Chefe do Distrito, sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães, foi atribuído ao Beira-Mar um subsídio de 100 contos, pelo Subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, sr. Dr. Elmano Alves.

BENEMERÊNCIA DA FUNDAÇÃO ROEDER

O Conselho de Administração da «Fundação Roeder» tomou a deliberação — credora dos maiores encómios — de oferecer a todos os alunos das escolas primárias de S. Jacinto, no presente ano lectivo, duas batas, um par de calçado, uma mala com os livros e outro material escolar necessário.

Além desta benemerência, a «Fundação Roeder» concedeu subsídios às Caixas Escolares; e tenciona fornecer, diàriamente, leite a todas as crianças das referidas escolas.

GAFANHA É VILA

Continuação da primeira página

contribuirá para robustecer ainda mais o espírito empreendedor de todos os Gafanhenses. Desde a primeira hora o *Litoral* esteve com o anseio; e, por isso, também está, nesta hora de júbilo, com o júbilo dos habitantes da nova Vila.

FORMATURA

Na passada terça-feira, concluiu o seu Curso de Ciências Económicas e Financeiras pelo I. S. C. H. E. F., em Lisboa, o nosso conterrâneo sr. Dr. José Jeremias da Silva Pereira Bóia.

O jovem licenciado, que conta apenas 23 anos de idade e foi sempre aluno distinto, é filho da sr.ª D. Adelina Ferreira da Silva Bóia e do saudoso industrial Manuel Maria Pereira Bóia.

Os nossos parabéns

Glosas Marginais

Continuação da primeira página

de textos portugueses onde não falta, até, o Gil Vicente com todas as dificuldades que comporta a versão deste autor para qualquer língua de além dos Pirinéus.

Agora mesmo, acaba de brindar os interessados por estes assuntos com um livrinho de ensaios sobre temas de teatro a que chamou «Aventuras de Anfitrião», aproveitando, assim, para baptizar a obra, o título do primeiro ensaio da colectânea e que constitui um modelo de espírito ensaístico, de penetração crítica e de leveza de comunicação, não obstante o grande lastro de informação que subjaz àquele discorrer claro e aliciante.

Sempre me pareceu que, de entre os muitos méritos que exornam a autora, o da exposição linear, pedagógica, correntia, não rebuscada, constitui a trave mestra da sua actividade crítica. Raramente se encontra em alguém que dedilhe este bordão um sentido tão apurado da dilucidação dos problemas e da clarificação dos textos abordados, como na autora destes quatro estudos, em boa hora, reunidos neste precioso voluminho.

Não vou, claro, nesta notícia meramente sublinhante, abordar todos os temas tratados, nem embrenhar-me em caminhos exegéticos para os quais me falta o fôlego, e limitar-me-ei a fazer ressaltar o poder de esclarecimento que torna os estudos solicitantes mesmo para leitores não especialistas.

Desde Epicarmo (que só por notícia julgamos ter tratado teatralmente o mito de Anfitrião) até Giroudoux; desde Plauto até ao nosso Camões; desde António José da Silva até Guilherme de Figueiredo; por trinta e nove vezes o nascimento de Hércules tem sido aproveitado por outros tantos autores como elemento nuclear de tramas teatrais se as contas do Giroudoux não estão erradas no seu «Amphitrion 38».

Pois é esta a aventura de Júpiter através dos tempos (e, também, através dos lugares) que a Doutora Andrée Crabée Rocha trata exaustivamente e, ao mesmo tempo, subtilmente, no ensaio inicial deste seu precioso livro de ensaios. E é com interesse crescente que se lê este trabalho cujo assunto poderia afastar, preventivamente, os leitores menos dados a este género de trabalhos se a agudeza penetrante da autora, combinada com estilo límpido e desafectado, não tivessem em si o tropismo para manter presas as pupilas dos que abordem aquelas páginas, ainda que o façam por mera operação de sondagem.

Completam o volume o «Entremês do Menino Deus», o «Auto da Floripes ou as Comédias em Portugal» e um estudo sobre o «Teatro de Sá de Miranda».

A breve notícia que pretendo dar não me permite debruçar-me sobre cada um dos temas, mas não quero encerrar as minhas palavras sem realçar o carinho com que a autora aborda as coisas portuguesas e como as sublinha de compreensão, mesmo quando tem de as desenterrar do silêncio humilde em que viviam inumadas. Por outro lado, não quero deixar de confessar aqui que devo a Andrée Crabée Rocha um reatamento com o Sá de Miranda depois de um longo período de relações cortadas desde os tempos em que, no Liceu, alguém, inquisitorialmente, me havia obrigado a dividir orações num excerto dos Vilhalpandos.

Por amizade do pintor, também o correio me trouxe um catálogo da exposição dos trinta anos de pintura de Cândido Teles o que veio avivar, em mim, uma rota que eu segui, atentamente, desde as primeiras tabuinhas que o seu pincel e a sua espátula cobriram de tinta, apadrinhadas pelo bafo quente do temperamento artístico do saudoso Fausto Sampaio.

Vão lá trinta anos!

E é, agora, muito curioso ir anotando a evolução harmoniosa de uma arte que, mercê de méritos intrínsecos, de estudo cuidado e procura afanosa, se tem transfigurado sem deixar de ser fiel a certa gramática estética e a uma vertebrada disciplina interior.

Pintura sem Brasis descobertos por acaso, sem contributos oriundos do quadrante da mistificação, tem-se renovado através destes seis lustros dentro de uma contensão e de uma mesura que não abrem as portas a prestidigitações de mágica, nem a acrobacias de saltimbanco e que, saltando de temas e mudando de ambientes, não deixa nunca de se mostrar dentro da seriedade mais austera.

Começou Cândido Teles por dar a impressão de que teria hipotecado a sua *paleta* aos panoramas acetinados, inundados de água e de horizontes rasos, da paisagem aveirense. E, fosse qual fosse, o desacanhamento com que o artista os abordava, o certo é que houve uma altura em que seria de recear nele a monocordia dos temas e dos processos.

Perdido de vista durante algum tempo, errante como andou por esse mundo de Cristo, quando voltei a encontrá-lo foi-me fácil notar que a sua gama cromática se desvinculara dos nossos ambientes de aguarela e que, desde os tons verdes profundos da floresta tropical, até aos amarelos violentos com que o Sol esparrinha a seara alentejana, para tudo as suas tintas versáteis tinham recursos, a meus olhos, anteriormente, insuspeitados.

Mas não foi só a transmutação dos temas e o polimorfismo das figuras que estruturaram esta evolução, ao mesmo tempo, harmoniosa e variada. Também os processos, sujeitos a uma depuração sistemática, transfiguraram os temas tirando deles novidades e surpresas para os olhos do contemplador atento e interessado. Assim, os moliceiros do Cândido Teles actual são bem diferentes dos moliceiros de há vinte anos, sem que a transfiguração anule o trabalho anteriormente realizado numa maior objectividade construtiva e cromática.

Olho para este artista e não posso deixar de meditar no que pode a seriedade de processos, a disciplina interior (que não tem nada que ver com a disciplina aparente) e o estudo da metodologia do artifício que existe, enraizado, em todo o verdadeiro artista.

Pintor que não pára e se não conforma com as descobertas que vai fazendo, há nele uma ânsia insofrida de motivações e de métodos. E se é certo que o magistério de Fausto Sampaio lhe vinculou a mão e a pupila durante certo tempo do seu trajecto, é certo, também, que, sem trair a lição do mestre, se libertou, sem sacões, da sua dedada inicial não enjeitando o alfabeto e os ditongos cromáticos que aprendera, em troca de aventuras e de obediências a modismos sem alicerces de permanência.

Apraz-me festejar a seriedade deste artista que eu vi, quase menino, a iniciar a caminhada e em quem depositei esperanças pela seriedade de que sempre deu mostras mesmo nos passos iniciais.

O Dr. Ângelo Vidal de Almeida Ribeiro, lembrou-se de mim com a oferta de uma publicação em que recolhe uma conferência realizada em Aveiro e a que deu o título aliciante, pelo que tem de prospectivo, de «Para uma nova advocacia».

Apesar de homem lateral à problemática que o tema envolve abordei-o em plena paz de consciência, tão certo estava, pelo conhecimento que tenho do autor, das qualidades de fixação que lá ia encontrar. E, realmente, não me foi difícil topar ali com o conversador aliciante que eu sempre encontrei no Dr. Ângelo de Almeida, a par do advogado nuclear que eu sempre senti a irradiar da sua personalidade. E, mais do que tudo isso, lá topei com o democrata sincero e sempre atento aos direitos da pessoa humana naquilo que ela tem de mais fundamental.

A conferência é, assim, um auto-retrato do homem impoluto, do advogado prespicaz e probo, e do democrata que se bate pelos direitos do homem em todas as vicissitudes que a sua vivência humana e a sua actividade profissional lhe proporcionam.

Trabalho de leitura acessível aos não iniciados dada a ausência de hermetismos jurídicos, ressalta nele o afã de acautelar os direitos de defesa, coisa sagrada para todos aqueles para quem o homem com os seus direitos, constitui o elemento nuclear de toda a actividade jurídica digna desse nome.

O Bispo do Algarve, o meu querido amigo D. Júlio Tavares Rebimbas, manda-me de Faro a sua Pastoral sobre a «Igreja, o Bispo, os Prebíteros, os leigos, a Comunhão Eclesial e a corresponsabilidade apostólica...»

Não posso, como é evidente, abordar o assunto desta publicação com uma visão crítica, na medida em que, longe como estou dos princípios e das rotas teológicas e das doutrinas e caminhos canónicos, me encontro privado da ferramenta que me poderia permitir uma abordagem exegética. Não significa isso que a pastoral em questão seja envolvida por brumas de inintelegibilidade mas tão sòmente, que a sua intelegibilidade se enquadra dentro de um condicionalismo cultural onde não disponho de instrumentos de trabalho.

Assim, tenho de limitar-me a anotar, gostosamente, a maleabilidade e a oportunidade do estilo em que as ideias são transmitidas, o feliz aproveitamento da terminologia específica e a elasticidade com que é aproveitada, sem me emiscuir nas ideias senão para festejar aquilo onde o Bispo dá a medida da sua largueza, aconselhando que «com aqueles que sendo cristãos não são católicos, procuremos antes o que nos une e menos o que nos separa»; e «A relação entre os baptizados que recusaram a prática religiosa e os que a aceitam deve ser fecunda».

Pastoral escrita com os olhos fitos na realidade envolvente da sua diocese adapta-se a ela sem recorrer a habilidades sofísticas mas, e ao contrário, enterrando as raízes na motivação de uma amplitude humanissima.

Fem bem o querido amigo em se lembrar de mim tornando-me leitor da sua Pastoral e dando-me, ao mesmo tempo, o testemunho da sua lembrança nas palavras amigas com que acompanhou a oferta.

FREDERICO DE MOURA

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Dep. n.º 74/69
2.ª Secção — 2.º Juízo

No dia doze de Novembro próximo, pelas onze horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Carta Precatória vinda do Sétimo Juízo Cível do Porto, extraída da Execução Sumária que José Augusto da Conceição & Companhia Limitada, do Porto, move a Armando Freitas Vieira, casado, comerciante, residente em Aveiro, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços constantes do processo, os seguintes:

MÓVEIS

Diversos bens móveis, tais como rádios, aparelho de televisão, mobílias, máquina de somar e de escrever e dois balcões.

Aveiro, 8 de Outubro de 1969

O Escrivão de Direito,
José Cândido Gomes

Verifiquei:
O Juiz de Direito
Artur Lourenço

Litoral — Ano XVI — 18-10-1969 — N.º 780

Cartaz dos Espectáculos
CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 18 — à tarde

O Deserto Maravilhoso — uma excelente produção de WALT DISNEY

Para maiores de 12 anos.

Sábado, 18 — à noite

Dois bilhetes para o México — um filme com Peter Lawford, George Geret e Maria Gracia Bucela

Para maiores de 17 anos.

Domingo 19 — à tarde e à noite

A Felicidade da Sr. Blossom — uma película com Shirley Mac Laine, James Booth e Richard Attenborougq

Para maiores de 17 anos

Terça feira, 21 — à noite

Um Ingénuo Diabólico — um filme com Jean Lefebre, Bernard Blier e Maria Latour

Para maiores de 12 anos.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Por este se anuncia que, nos autos de acção ordinária — impugnação de paternidade — a correr termos pela 2.ª secção do 1.º Juízo desta comarca, movida pelo Ex.mo Ajudante do Procurador da República do Círculo Judicial de Aveiro contra José Luís de Bastos Martins, casado, da Rua Vicente de Almeida d'Eça—Esgueira, actualmente ausente em parte incerta, é o mesmo réu citado para contestar a referida acção no PRAZO DE VINTE DIAS, prazo que começa a correr depois de finda a dilação de SESSENTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, cujo pedido feito por aquele Ex.mo Magistrado, em representação da menor Florbela da Costa Martins, consiste em que se declare que a mesma menor não é filha legítima do réu, mas sim filha ilegítima de Euclides da Cunha Santos, rectificando-se o respectivo registo, DEVENDO O RÉU pronunciar-se quanto à requerida intervenção principal do verdadeiro pai da menor.

Aveiro, 3 de Outubro de 1969

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha
O Escrivão de Direito,
Francisco Carneiro

Litoral — Ano XVI — 18-10-1969 — N.º 780

Vendem-se

— cartolas em castanho, em estado de novas, de 12 medidas.

Tratar pelo telef. 23332.

Casa — Aluga-se

— no limite da cidade, construída há um ano, com garagem e quintal.

Informa: Telefone 24099.

Taunus — 12M Super

— vende-se, em bom estado e com 54 000 km; motor impecável; bom preço; motivo à vista. Tratar pelo telefone 23348 — Aveiro.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

- Um bloco de 4 moradias com r/c e 1.º andar, bem localizado, com 3 habitações por alugar, situado em Cacia, na Rua 31 de Janeiro (Estrada Nacional).
- Terrenos bem situados para construção, bem como outros prédios.

Tratar com Júlio Pereira, Tel. 23089-27065 p. f., em Aveiro.

Empregado de Escritório

Com prática e conhecimentos gerais de todo o serviço de escritórios, livre do serviço militar, deseja colocação neste distrito. Dá todas as referências.

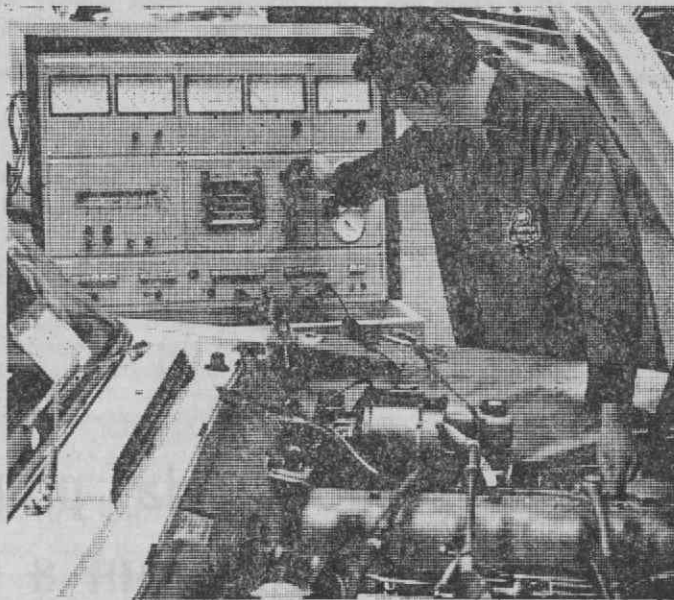
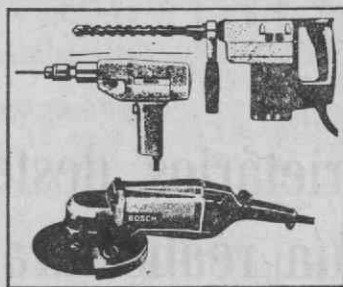
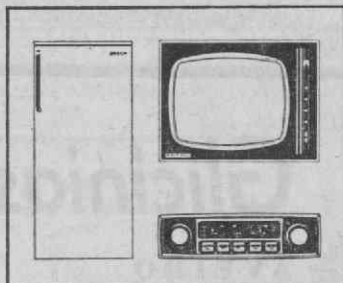
Carta a este jornal ao n.º 157.

Aluga-se

Armazém, com 122 metros quadrados, na rua das Marinhas, n.º 39. Informa-se na mesma rua, ao n.º 5.

Prédio—Vende-se

— na rua da Arrochela, n.º 47 em Aveiro.

Tratar: na rua de Ílhavo, n.º 46-2.º esq. — AVEIRO.

Desportos

Continuações

REMO

Shell de 4 — Juniores

1.º — Nao Vitória-A, 5.37. 2.º — Galitos, 5.42,2. 3.º — Nao Vitória-B, sem tempo.

Os aveirenses alinharam com Joaquim Valentim da Cruz, Manuel Augusto Maciel Estima, António Manuel das Neves Correia Simões, Adalberto das Neves Duarte e Carlos José Soares Trindade (timoneiro).

Shell de 2 — Seniores

1.º — Náutico de Sevilha-A, 9.14,1. 2.º — Náutico de Sevilha-B, 9.16,3. 3.º — L. A. G., 9.28,3. 4.º — Labradores, sem tempo.

Skiff — Seniores

1.º — C. U. F. 8.37,2. 2.º — Náutico de Sevilha, 9.2,3. 3.º — Labradores, sem tempo.

Shell de 4 — Seniores

1.º — Náutico de Sevilha, 7.27. 2.º — Fluvial, 7.40,5. 3.º — Labradores, 7.47.

Shell de 2 — Juniores

1.º — Náutico de Viana, 6.25. Nao Vitória-A, 6.28,5. 3.º — Labradores, 6.34,5. 4.º — Nao Vitória-B, sem tempo.

Shell de 8 — Seniores

1.º — Equipa portuguesa (misto do Fluvial, L. A. G. e C. U. F.), 6.28. 2.º — Náutico de Sevilha, 6.41. 3.º — Labradores, 6.55.

Columbofilia

O vencedor da campanha foi o sr. Joaquim Teixeira Marques, um columbófilo de real valor. O pombo «campeão de velocidade» pertence ao mesmo columbófilo.

O pombo « campeão de fundo» é do grande entusiasta columbófilo sr. António dos Santos Silva. O pombo «campeão de campanha» é pertença do sr. António de Almeida Modesto, columbófilo estudioso que atravessa uma fase de grande entusiasmo.

PESCA

51.º — João Moriera, 0,070 Kg.; 52.º — João Maria Neves, 0,070 Kg.

★ Os prémios especiais foram assim atribuídos: «maior quantidade de peixe» — Benjamim Albuquerque; «maior exemplar» — Luís Maria dos Santos; «simpatia e camaradagem» — Carlos Alberto Varela.

★ A noite, a festa prolongou-se, num jantar de confraternização. Aos brindes, foi evocado o saudoso Baltasar Vilarinho, companheiro de muitos dos presentes em anteriores edições do concurso; e foram escolhidos os elementos para a Comissão Organizadora do próximo torneio, em 1970, formada pelos srs. António Fernandes da Silva (Carramona), Domingos da Graça Paula, Eugénio Teixeira, Alfredo Fortes e Lourenço Limas.

Como é óbvio, foram entregues numerosos e valiosos prémios em disputa

Basquetebol

menos um jogo que os restantes clubes.

Beira-Mar, 29 — Esgueira, 54

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo. Arbitro — Narsindo Vagos.

Alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Mendes 2-0, Matos 0-7, Melo 0-2, Dinis 4-8, Adrego 4-0, Rui Couto, Pimentel e Vinagre 0-2.

ESGUEIRA — Matos 12-1, Machado 2-8, Almeida 2-4, Lopes 8-6, Emídio 2-3, Vitor 2-2 e Fernando 0-2.

Supremacia dos esgueirenses (28-10) até ao intervalo, com réplica animosa dos beiramarenses no segundo período, em que houve mais equilíbrio no marcador (26-19).

Internato, 24 — Sangalhos, 30

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo. Arbitro — Narsindo Vagos.

Alinharam e marcaram:

INTERNATO — Mário Sá, Cristina, Neves 3-7, Barbosa, Zé 4-4, Vaia 2-0, Santana 0-4, Silva, Zé da Glória, Araújo e Adelino.

SANGALHOS — Luís, António 2-0, Barros 0-1, Fernando 2-0, Rolando 8-4, Rita 4-9, Calvo, João, Anacleto, Carlos Alberto e Aleixo.

Vitória difícil dos bairradinos, que ganhavam por 16-9, no termo da primeira parte. Perto do final, registaram-se quatro situações de igualdade (18, 20, 22 e 24 pontos), emprestando grande «suspense» à fase derradeira do prélio.

FUTEBOL

Sumário DISTRITAL

JUNIORES

A prova prosseguiu, na Série D, com os desafios da segunda jornada, que finalizaram deste modo:

RECREIO — ANADIA 0-1
PAMPILHOSA — VALONGUENSE 3-1
MEALHADA — O. DO BAIRRO . 2-1

Classificação geral:

1.º — Anadia (5-0), 6 pontos. 2.º — Valonguense (5-4), 4. 3.º — Pampilhosa (3-5), 4. 4.º — Mealhada (3-5), 4. 5.º — Recreio de Águeda (2-3) 3. 6.º — Gafanha (2-2), 2. 7.º — Oliveira do Bairro (1-2), 1.

Jogos para amanhã:

VALONGUENSE — RECREIO
ANADIA — GAFANHA
O. DO BAIRRO — PAMPILHOSA

Totobolando

★ **PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 8 DO «TOTOBOLA»**

26 de Outubro de 1969

N.º	EQUIPAS	1	x	2
1	A. Bilbau — Corunha	1		
2	Valência — Granada	1		
3	Sabadel — Elche	1		
4	Sevilha — Barcelona		x	
5	At. Madrid — Saragoça		x	
6	R. Socied. — R. Madrid			2
7	Celta — Maiorca	1		
8	Bari — Sampdoria	1		
9	Juventus — Inter			2
10	Lanerossi — Verona	1		
11	Nápoles — Cagliari	1		
12	Palermo — Brescia	1		
13	Roma — Lazio	1		

Hóquei em Patins

como noticiámos, por Raul Cartaxo, ao jogador do Sport Conimbricense Armando Baptista dos Santos — considerado o hoquista mais correcto e disciplinado de quantos participaram na primeira prova disputada sob a sua égide.

TERMAS e BEIRA-MAR nos «Nacionais»

Mercê das suas classificações no Campeonato de Aveiro, os grupos do Termas — campeão brilhante e invicto — e do Beira-Mar — que logrou, em Coimbra, desforrar-se da derrota tangencial que o Sport Conimbricense lhe impusera em Aveiro (1-2), superando essa margem mínima — ficaram apurados para a fase preliminar do Campeonato Metropolitano.

Cumpria-lhes defrontar os representantes da Associação de Patinagem de Braga. Todavia, por desistência dos bracarenses, ficou sem efeito a «poule» Aveiro — Braga, que será substituída por novos embates entre as equipas do Termas e do Beira-Mar, marcados para este noite, em Aveiro, e para a próxima quarta-feira, nas Termas de S. Pedro do Sul.

O vencedor da eliminatória ingressa na I Divisão, cabendo ao vencido disputar a II Divisão.

ANÚNCIO

Por este se anuncia que no dia trinta do corrente mês de Outubro pelas 14.30 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de carta precatória vinda da comarca de Vagos e extraída da execução sumária contra o executado Horácio Fernandes Ferreira, residente na Gafanha da Boavista — Ilhavo, há-de ser posto em praça para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima de metade do respectivo valor matricial, o seguinte:

PRÉDIO

ÚNICO: — Prédio rústico constituído por um pinhal, sito na Gafanha da Boavista freguesia e concelho de Ilhavo, inscrito na matriz sob o art.º 612, descrito na Conservatória sob o n.º 48689, a fls. 71 do Livro B 127, com o valor matricial de 3 360$00.

DEPOSITÁRIO: Germano Tavares da Fonseca, solicitador, de Aveiro.

Aveiro, 10 de Outubro de 1969

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

O Escrivão de Direito,
Francisco Carneiro

Litoral — Ano XVI — 18-10-1969 — N.º 780

Câmara Municipal de Aveiro

Imposto de prestação de trabalho

EDITAL

Doutor Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Em cumprimento do preceituado no artº. 8.º do Regulamento para cobrança do Imposto de Prestação de Trabalho no Concelho de Aveiro, faz público que terminaram as operações de lançamento do aludido Imposto o qual será posto à reclamação, na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas normais de expediente e pelo período de 8 dias, contados da data de afixação do presente edital.

Durante aquele período de tempo, todos os contribuintes poderão examinar os respectivos verbetes de lançamento e apresentarem, verbalmente, ou por escrito, todas as reclamações que entendam devidas.

Findo aquele prazo, poderá ainda ser apresentada reclamação, durante os primeiros 60 dias contados do início da cobrança do Imposto, em papel selado, com a assinatura reconhecida.

Para constar e devidos efeitos, se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume e publicados nos jornais do Concelho.

E eu, Dário da Silva Ladeira, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Câmara
a) Dr. Artur Alves Moreira

Inaugura-se amanhã o PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE AVEIRO

Está marcada para amanhã, com início às 21.15 horas, a inauguração oficial do Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro. Presidirá à cerimónia o Subsecretário da Juventude e Desportos, sr. Dr. Elmano Alves, assistindo ao mesmo acto solene o Director Geral dos Desportos, sr. Dr. Armando Rocha, e as mais qualificadas autoridades aveirenses.

O programa geral ficou assim estabelecido:

21.15 horas — Sessão inaugural, com a entrega da «Medalha de Bons Serviços» ao Clube dos Galitos.

21.45 horas — Desfile das representações dos clubes da cidade, com cerca de quatrocentos atletas, entre eles os remadores olímpicos do Galitos.

21.50 horas — Demonstração da polivalência do recinto, com jogos-exibição de badminton, mini-basquetebol e voleibol.

22 horas — Andebol de Sete: jogo entre Beira-Mar e o Atlético Vareiro.

22.20 horas — Ginástica rítmica, por elementos do Lisboa Ginásio.

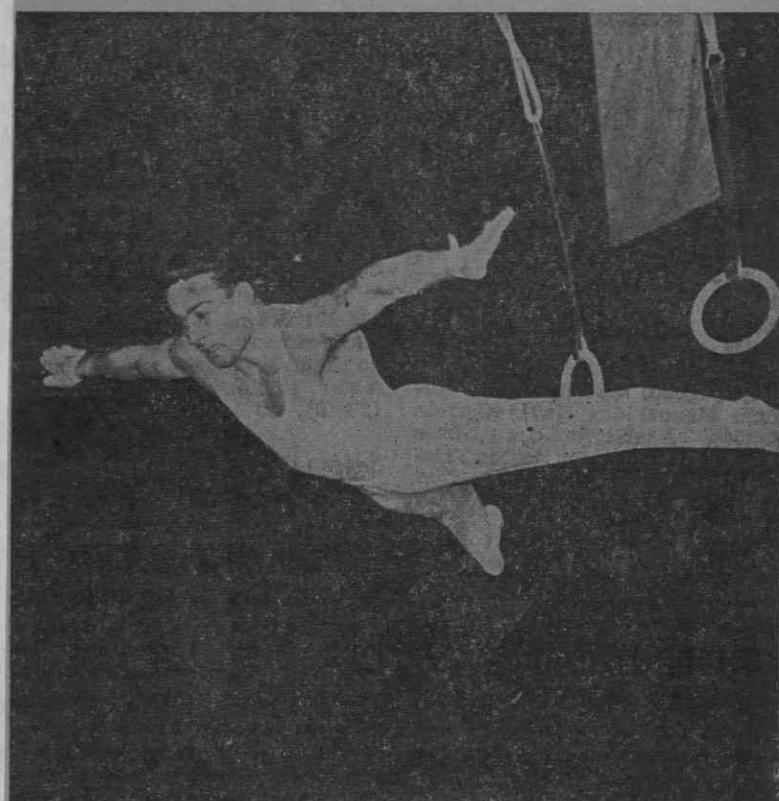
22.45 horas — Ginástica desportiva, por elementos do Lisboa Ginásio.

23.10 horas — Basquetebol: jogo entre o Galitos e o Esgueira.

23.40 horas — Saltos em cama elástica, por uma classe de alunos da Escola Eugénio dos Santos, de Lisboa.

23.55 horas — Ginástica rítmica, por elementos do Lisboa Ginásio.

Aproveitando a sua vinda a Aveiro, o sr. Director-Geral dos Desportos realiza uma reunião de trabalhos, amanhã, pelas 16 horas, com os dirigentes dos clubes da cidade.

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

ALCANÇOU O ÊXITO PREVISTO O IX CONCURSO de PESCA do «CAFÉ GATO PRETO»

Ultrapassou a meia centena o número de participantes no IX Concurso de Pesca do «Café Gato Preto», realizado no último domingo, durante toda a manhã, nos pesqueiros da Barra.

A prova, realmente *sui generis* — tanto pela «variedade» dos concorrentes, como pelas várias e sumamente simpáticas cláusulas do seu Regulamento, como, por exemplo, «fica a cargo de cada concorrente a fiscalização de si mesmo» — alcançou êxito retumbante, aliás como se esperava.

Foi, na verdade, uma bela jornada de alegre e sã camaradagem, sendo de justiça referir uma palavra de elogio para a Comissão Organizadora do certame, composta pelos desportistas srs. Vasco Ágoas, João Moreira, Lourenço da Naia Lemos, Manuel Fernandes Alves e João Figueiredo.

A classificação geral ficou assim estabelecida:

1.° — Benjamim Albuquerque, 8,490 Kg.; 2.° — José Mendes, 7,350 Kg.; 3.° — Eugénio Teixeira, 7,350 Kg.; 4.° — João Alberto Lemos, 6,960 Kg. 5.° — António Fernandes da Silva (Carramona), 3,900 Kg.; 6.° — Fernando Nunes Maia, 3,470 Kg.; 7.° — José Machado, 3,450 Kg.; 8.° — Antero Veiga, 3,250 Kg.; 9.° — Manuel Ferreira Sardo, 3,200 Kgs.; 10.° — João Figueiredo, 3,200 Kg.; 11.° — Carlos Moreira, 2,760 Kg.; 12.° — Luís Maria dos Santos, 2,580 Kg.; 13.° — Amílcar Correia dos Santos, 2,200 Kg.; 14.° — Américo Santos, 2,160 Kg.; 15.° — Domingos da Graça, 1,700 Kg.; 16.° — José Naia de Pinho, 1,700 Kg.; 17.° — Gaspar dos Santos, 1,660 Kg.; 18.° — Carlos Martins, 1,550 Kg.; 19.° — Manuel Sardo, 1,300 Kg.; 20.° — Carlos Varela, 1,220 Kg.; 21.° — Maria Maia, 1,150 Kg.; 22.° — Augusto Varela, 1,100 Kg.; 23.° — Manuel da Graça, 1,100 Kg.; 24.° — Luís Gonçalves, 1,080 Kg.; 25.° — João Neto, 1,080 Kgs. 26.° — Lourenço Lemos, 1,070 Kg.; 27.° — Alfredo Fortes, 0,900 Kg.; 28.° — Telmo Graça, 0,860 Kg.; 29.° — Leonildo Maia, 0,850 Kg.; 30.° — Hernâni F. Jorge, 0,760 Kg.; 31.° — Álvaro Melo, 0,760 Kg.; 32.° — Humberto Salvador, 0,760 Kg.; 33.° — Carlos Júlio Fitorra, 0,610 Kg.; 34.° — José Troia, 0,560 Kg.; 35.° — Cristiano Santos, 0,550 Kg.; 36.° — José Luís Pimenta, 0,550 Kg.; 37.° — António Luís Costa, 0,490 Kg.; 38.° — Carlos Peixinho, 0,380 Kg.; 39.° — José Correia de Melo, 0,350 Kg.; 40.° — Albino Picado, 0,300 Kg.; 41.° — António Tavares Santos, 0,280 Kg.; 42.° — Carlos Cruz, 0,260 Kg.; 43.° — Ricardo Limas, 0,260 Kg.; 44.° — Manuel Gomes, 0,250 Kg.; 45.° — Lourenço Limas, 0,200 Kg.; 46.° — Pereira da Silva, 0,160 Kg.; 48.° — José Guilherme, 0,160 Kg.; 49.° — Amadeu Nogueira, 0,140 50.° — Manuel Soares (Zeca), 0,100

Continua na página sete

COLUMBOFILIA

A Sociedade Columbófila de Aveiro fez a distribuição dos prémios da campanha de 1969, no passado sábado, 11 do corrente.

No Restaurante Galo d'Ouro, reuniram-se grande número de associados num jantar de confraternização, que decorreu num ambiente de franca camaradagem. Em seguida, procedeu-se à distribuição dos valiosos prémios disputados, sendo calorosamente aplaudidos os vencedores das diversas provas.

Continua na página sete

Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

JUNIORES

Em consequência do adiamento do desafio Sangalhos — Galitos, a jornada inaugural do torneio aveirense de juniores ficou reduzida ao jogo Esgueira — Illiabum, que os esgueirenses ganharam por 41-29.

Esgueira, 41 — Illiabum, 29

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo, no sábado, à noite. Arbitro — Albano Baptista.

Alinharam e marcaram:

ESGUEIRA — Pinho 4-2, Albuquerque 2-7, Tavares 16-5, Santos 0-2, Gomes 1-1, Oliveira 0-1 e Lopes.

ILLIABUM — Vizinho 1-6, Brito 0-2, Marcos 2-6, Gago 2-6, Melo 2-0, Simões 0-2 e David.

A turma esgueirense impôs-se, na metade inicial, em que conseguiu a marca favorável de 23-7, com que viria a garantir o êxito final — dado que, no segundo tempo, a vantagem pertenceu aos ilhavenses (18-22).

JUVENIS

Em Aveiro e S. João da Madeira, na manhã de domingo, prosseguiu o Campeonato de Juvenis, com a segunda jornada, em que esteve de folga o Galitos. Os jogos concluíram deste modo:

BEIRA-MAR — ESGUEIRA	29-54
SANJOANENSE — ILLIABUM	15-27
INTERNATO — SANGALHOS	24-30

A classificação ficou assim ordenada:

1.° — Esgueira (82-48), 6 pontos. 2.° — Illiabum (46-43), 4. 3.° — Galitos (58-13), 3. 4.° — Sangalhos (30-24), 3. 5.° — Beira-Mar (42-112), 2. 6.° — Internato (24-30), 1. 7.° — Sanjoanense (15-27), 1.

Os grupos do Galitos, Sangalhos, Internato e Sanjoanense têm

Continua na página sete

TABELA de JOGOS

Hoje e amanhã, continua a disputa dos torneios aveirenses, dentro da seguinte tabela de jogos:

HOJE

SANGALHOS — GALITOS, em juniores (21 horas), e seniores (22.15 horas), em Ílhavo.

AMANHÃ

SANJOANENSE — BEIRA-MAR
ESGUEIRA — GALITOS
SANGALHOS — ILLIABUM

Todos da prova de juvenis, pelas 10.30 horas, respectivamente nos pavilhões de S. João da Madeira, Aveiro e Ílhavo.

FUTEBOL

REGRESSO DA II DIVISÃO NACIONAL

Após dois domingos de intervalo, a competição tem amanhã os desafios da quinta jornada. Na Zona Norte, defrontam-se:

GOUVEIA — BEIRA-MAR
VIZELA — ESPINHO
MARINHENSE — LEÇA
SALGUEIROS — TIRSENSE
LAMAS — SANJOANENSE
TORRES NOVAS — FAMALICÃO
PENAFIEL — A. DE VISEU

Farense — Naval 1.° de Maio, ALBA — Fafe e Olhanense — SANJOANENSE.

AVEIRO na III DIVISÃO

ZONA B — 1.ª jornada:

VALECAMBRENSE — FEIRENSE	3-0
Penalva — Covilhã	2-4
ALBA — Guarda	3-1
Pinhelenses — Marialvas	0-1
Celoricense — Vildemoinhos	3-3
LUSITÂNIA — U. de Coimbra	2-1
Ala-Arriba — OLIVEIRENSE	1-0
Gonçalense — Mortágua	0-1

Jogos para amanhã:

FEIRENSE — Gonçalense
Covilhã — VALECAMBRENSE
Marialvas — ALBA
Guarda — Penalva
Vildemoinhos — Pinhelenses
União de Coimbra — Celoricense
OLIVEIRENSE — LUSITÂNIA
Mortágua — Ala-Arriba

AVEIRO na «TAÇA»

Efectuou-se o sorteio alusivo aos desafios da terceira eliminatória da «Taça de Portugal», a realizar em 7 de Dezembro, com os grupos (da II e III Divisão) sobreviventes das rondas anteriores.

O programa ficou assim elaborado:

Famalicão — União de Santarém, Tirsense — BEIRA-MAR, Atlético — Luso, Portimonense — Académico de Viseu, Torres Novas — Penafiel, Sesimbra — Torriense, Casa Pia — S. Pedro da Cova, Montijo — Aves, Vasco da Gama — Salgueiros, União de Coimbra — Sintrense, Oriental — Nazarenos, Lamego — Rio Ave,

DESPORTO AMADOR no BEIRA-MAR

Sob impulso do dirigente António José Gonçalves de Meneses Leitão, que chefia o Pelouro das Actividades Desportivas Amadoras do Beira-Mar, as impròpriamente chamadas «modalidades pobres» vão ser grandemente incrementadas dentro da popular colectividade aveirense.

Em breve, daremos a conhecer próximas realizações, que visam, justamente, tornar o Beira-Mar mais eclético e, consequentemente, mais prestigioso.

Entretanto, registamos que aquele dinâmico dirigente conseguiu já o concurso dos seguintes auxiliares directos: para a Secção Feminina — D. Maria Deolinda Martins de Carvalho Vieira Valentim e D. Maria Emília Pinheiro; para o Andebol — Ernesto Candeias Valentim e João Friães Nogueira; e, para o Basquetebol — Carlos Manuel da Loura Peixinho e Vitor Manuel da Silva Lopes.

HÓQUEI em PATINS

CAMPEONATO DE AVEIRO

— Nos encontros da segunda volta, efectuados em 9, 10 e 11 do corrente, apuraram-se estes resultados:

BEIRA-MAR — TERMAS	2-7
SPORT — BEIRA-MAR	6-8
TERMAS — SPORT	12-2

A tabela classificativa ficou, no termo da competição, assim elaborada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Termas	4	4	0	0	39-7	12
Beira-Mar	4	1	0	3	11-21	6
Sport	4	1	0	3	13-35	6

— A Associação de Patinagem de Aveiro decidiu atribuir a «Taça José António Martins», instituída,

Continua na página sete

ATLETISMO

TORNEIO DA JUVENTUDE

Como anunciámos, a Secção de Atletismo do Clube dos Galitos organizou, no sábado, no Campo de Jogos do Regimento de Infantaria 10, o Torneio da Juventude — competição que concitou o interesse da gente moça aveirense, sendo grande a afluência de atletas.

Nesta jornada inaugural, reservada a rapazes, apuraram-se os seguintes vencedores e marcas:

INFANTIS — 50 metros — Gabriel Bernardo Ribeiro, 6,9 s. Salto em comprimento — João Jaime Coutinho, 3,70 m. Peso — José Luís de Pinho Gamelas, 8,30.

INICIADOS — 80 metros — José Monteiro dos Santos, 8 s. Salto em comprimento — José Monteiro dos Santos, 3,92 m. Peso — Ramiro Pais, 11,10 m. 500 metros — José Fernando, 1,45 m.

Hoje, no mesmo recinto, pelas 16 horas, efectua-se a segunda jornada, com provas semelhantes, destinadas a raparigas. As inscrições podem ainda fazer-se, no próprio local, a partir das 15 horas.

REMO

VI JOGOS DO OUTONO

Em Sevilha, conforme nestas colunas referimos, disputaram-se regatas ibéricas de remo, nos dias 4 e 5, integradas nos VI Jogos Desportivos do Outono da cidade capital da Andaluzia.

Participaram tripulações espanholas, de clubes sevilhanos (Náutico, Nao Vitória e Labradores) e tripulações portuguesas, das seguintes colectividades: Náutico de Viana, Fluvial, L. A. G., Desportivo da C. U. F. e Galitos.

As provas disputaram-se na pista do Guadalquivir, concluindo deste modo:

Skiff — Juniores

1.° — Labradores, 6.26. 2.° — Náutico de Sevilha, 6.39,2. 3.° — C. U. F., 6.42,2.

Continua na página sete